

AMOR ANIMAL, AMOR NATURAL: VISÕES DE AMOR NUMA CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E NUMA CANTIGA MEDIEVAL

Jairo Osias¹

A canção “Caçada”, da trilha-sonora do filme **Quando o carnaval chegar**, de Cacá Diegues, é uma das canções de Chico Buarque que retomam e recriam uma visão de amor “pouco edificante” e que tem no cancioneiro galego-português alguns exemplos que parecem, de alguma forma, guardar alguma aproximação com parte deste repertório satírico de Chico.

“Caçada” apresenta uma visão de amor, como diria Lapa, “mais natural”, atrevidamente natural, diríamos. “Caçador” e “caça” se buscam e se entregam, celebrando “o dia da graça, da caça e do caçador”, como cantado no refrão desta canção. Esta visão de amor carnal, que despreza idealizações, aparece também numa velha cantiga satírica galego-portuguesa que, segundo sua rubrica, “foi feita a ùa dona d’ordin, que chamavan Moor Martiinz, por sobrenome Camela, e a um omen que avia nome Joan Mariz, por sobrenome Bodalho, e era tabelião de Bragaa. ”. (LAPA, 1998, 212), Lapa acrescenta que,

“com pretexto nestes dois sobrenomes e atendendo ao escândalo daquela ligação, fez o Conde uma cantiga deveras engraçada, em desenvolta redondilha maior, metro que se afirma justamente na época de decadência do nosso trovadorismo”. (ibidem, 212. seq.)

A cantiga, ora a transcrevemos:

Natura das animalhas
que son dũa semelhança
é de fazeren criança
mais des que son fodimalhas.
Vej’ora estranho talho
qual nunca cuidei que visse:
que emprenhass’e parisse
a camela do bodalho.

As que son dũa natura
Juntan-s’a certas sazões
e fazem sas criações;
mais vejo já criatura
ond’eu non cuidei veê-la;
e poren me maravilho
de bodalho fazer filho,
per natura, na camela.
As que son, per natureza,

¹ Universidade Federal da Paraíba.

Corpos dũa pareença
 juntan-s' e fazem nacença, —
 esto é as dereiteza;
 mais non coidei em mia vida
 que camela se juntasse
 com bodalh' [e] emprenhasse
 [e] demais seer d'el parida.

(CV.1040)

Pedro (Conde D.) de Portugal

No cancioneiro satírico galego-português este modelo de cantiga pode trazer um exacerbado toque de censura e moralismo que paradoxalmente exagera “nas tintas” e apresenta uma visão de amor diversa daquela que encontramos no cancioneiro amoroso. Assim, temos donzelas que se assemelham a bichos, como cavalos (“Rostr’ agudo come foram/ barva no queix’ e no granhom/ e o ventre grand’e inchado”) ou outras que viram cair “um corvo sobre si”. O tom jocoso, contudo, ameniza este toque moralista e confere graça e humor a estas cantigas. Na cantiga acima transcrita, é notável como Pedro Conde retoma a cada estrofe a mesma divisão sintática e semântica, aludindo nos primeiros versos de cada estrofe à “natureza” dos animais para, em seguida, referir-se à união de “Camela” e “Bodalho”, o que, de fato, lhe causa espanto (e poren me maravilho). Lembramos que, sempre que se fala em paralelismo, é comum a menção às cantigas de amigo. Mas esta cantiga tem, inequivocamente, fortes feições paralelísticas.

Em Chico, nada indica explicitamente à primeira vista (ou à primeira audição) que temos, na canção, a alusão a um outro tipo de “caçada”. Mas este outro sentido se impõe ao longo de toda a canção e se confirma no refrão quase festivo e de celebração, que se confirma na estrofe final, em que há quase que uma inversão de papéis, quando “caçador” e “caça” se confundem e se entregam. Eis a letra da canção:

Não conheço seu nome ou paradeiro
 Adivinho seu rastro e cheiro
 Vou armado de dentes e coragem
 Vou morder sua carne selvagem
 Varo a noite sem cochilar, aflito
 Amanheço imitando o seu grito
 Me aproximo rondando a sua toca
 E ao me ver você me provoca
 Você canta a sua agonia louca
 Água me borbulha na boca
 Minha presa rugindo a sua raça
 Pernas se debatendo e o seu fervor
 Hoje é o dia da graça
 Hoje é o dia da caça e do caçador

Eu me espicho no espaço feito um gato
 Pra pegar você bicho do mato

Saciar a sua avidez mestiça
 Que ao me ver se encolhe e me atiça
 Que num mesmo impulso me expulsa e abraça
 Nossas peles grudando de suor
 Hoje é o dia da graça
 Hoje é o dia da caça e do caçador

De tocaia fico a espreitar a fera
 Logo dou-lhe o bote certo
 Já conheço seu dorso de gazela
 Cavalo brabo montado em pelo
 Dominante, não se desembaraça
 Ofegante, é dona do seu senhor
 Hoje é o dia da graça
 Hoje é o dia da caça e do caçador

Chico Buarque (1972)

Expressões claramente erotizadas constroem este discurso que se impõe ao longo de toda a canção: “pernas se debatendo”, “nossas peles grudando de suor”, “...ofegante, é dona do seu senhor”. Por outro lado, todo um conjunto de vocábulos e expressões que aludem a caça ou caçada constroem esta metáfora de um amor animalizado: “rastros”, “armado”, “toca”, “presa”, “raça”, “tocaia”, “bicho do mato”, “caça”, “caçada”... Não à toa, muitas destas expressões se associam no imaginário popular ao universo sexual ou erotizado. Não à toa, também, a canção de Chico se apresenta como um exemplar de canção “regional” (nordestina) : é justo aqui no Nordeste que toda uma tradição literária e musical reproduz este tipo de visão de amor apresentada nesta canção de Chico Buarque e que parece ter um traço da tradição cultural ibérica que aqui se perpetuou e que ainda hoje sobrevive. Esta tradição, aliás, vem de muito antes, do exemplo bíblico, do **Velho Testamento**, sobrevivendo na Idade Média (como no exemplo dos velhos Bestiários e sobrevivendo ainda na atualidade). Para Maurice Van Woensel, autor de **Simbolismo animal na Idade Média: os bestiários**,

“modernamente, o animal não é mais descrito para servir de exemplo moral ou devoto, mas ele guarda seus traços antropomórficos, sua personalidade própria e muitos poetas apresentam bichos enquanto figuras ou símbolos de sentimentos humanos ou como interlocutores. Cultiva-se ainda, *lato sensu* digamos, a veia medieval.”. (2001, p.18)

Mas o cancionista de Chico, como já pudemos atestar anteriormente, não é mero reprodutor destes velhos gêneros. Chico Buarque os recria e confere às suas canções todo um conjunto de caracteres que as transforma em parte do que melhor se produziu em matéria de cancionista popular na segunda metade do século XX, a partir da década de 60. Na canção de Chico, diferente do que encontramos nos velhos bestiários, não se procura nenhum exemplo edificante nos bichos ou em alguns dos seus traços. Ao contrário, o traço animalizado, aqui, visa mais à crítica ou ao sarcasmo.

“Caçada”, deste modo, se associaria a outras canções do repertório de Chico Buarque que privilegiam esta visão de amor que se liga mais à “realidade” cotidiana e menos a um lirismo que se poderia imaginar tributário, em parte, das velhas cantigas de

amor trovadorescas galego-portuguesas ou de outras vertentes da tradição literária medieval. Outras canções como, por exemplo, “Não sonho mais” (outra “regionalista”) ou “Sob medida” fariam parte deste grupo. Outras ainda (como “Eu te amo” ou “Atrás da porta”, por exemplo), trariam tanto este substrato amoroso mais ligado à realidade cotidiana quanto a um lirismo mais digamos, tradicional, significando uma espécie de confluência desta visão (ou destas visões) de amor no cancionero de Chico Buarque. No cancionero medieval galego-português, estes dois tipos de registro convivem de maneira diversa. Segundo Graça Videira Lopes, “é a coexistência simultânea destes dois registros, tão profundamente opostos, num mesmo espaço e pelas mesmas vozes, mas sem aparente contacto entre si, que torna mais marcante a violência verbal de um deles.” (1998, p. 87). Segundo ainda Lopes,

“ (...) é este contraste que marca de uma forma muito particular a poesia trovadoresca, e em especial a galego-portuguesa: de um lado, a expressão directa do corpo e das suas pulsões mais elementares (do corpo e, de uma maneira geral, da realidade quotidiana), numa linguagem que desconhece facilmente os eufemismos; do outro, uma expressão poética geralmente depurada de qualquer marca corporal ou mesmo de qualquer referência mais concreta ao mundo exterior circundante.” (ibidem, p. 87 seq.)

Tanto parte do repertório das cantigas satíricas trovadorescas medievais quanto, de algum modo, parte do repertório de Chico Buarque retratam esta visão de amor que se liga a este substrato a que Carolina Michaëllles nomeia, com precisão, “humor viril” (Michaëllles apud. Lopes, p. 84), tal como aparece na canção “Caçada”. Pensamos aqui, também, parafraseando a eminente lingüista, num “amor viril”.

A melodia, arranjo e harmonia desta canção de Chico contrastam com boa parte do seu repertório. Como já colocamos antes, trata-se de uma canção “regional”, minoritária no imenso repertório de sambas de Chico. A melodia e harmonia também seguem esta linha de “simplicidade” se compararmos esta canção com outras do repertório de Chico Buarque, muitas delas com arranjos sofisticados e harmonias mais complexas, com inspiração (e às vezes parceria) de músicos como Tom Jobim, Edu Lobo ou Francis Hime, todos parceiros de Chico e maestros de indiscutível talento. A primeira estrofe da canção (com 14 versos, incluindo o refrão) é distribuída em dísticos agrupados sintaticamente e também no que se refere às rimas (emparelhadas), excetuando-se justamente os dois últimos versos (o refrão). As duas estrofes seguintes (de oito versos) não seguem o mesmo padrão, e apresentam rimas alternadas, à exceção, novamente, do refrão.

Concluimos, pois, reafirmando este traço comum entre “Caçada”, de Chico Buarque, e parte do cancionero medieval satírico galego-português. Esta expressão “directa do corpo”, como bem coloca Graça Videira Lopes, aparece tanto em algumas canções de Chico (como em “Caçada”) quanto em algumas cantigas galego-portuguesas que tanto exaltam quanto censuram esta visão de amor mais directa.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Geir. **Pequeno dicionário de arte poética**. São Paulo: Cultrix.

CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER DOS TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES. 2. ed. Corrigida e aumentada. Prefácio, seleção, notas e glossário de Fernando V. Peixoto da Fonseca. Lisboa: Livraria Clássica Editora. (Coleção clássicos portugueses).

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.** Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LAPA, M. Rodrigues. **Lições de literatura portuguesa; época medieval.** Coimbra: Coimbra Editora Ltda., 1952.

LAPA, M. Rodrigues. **Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-portugueses.** Edição crítica. Coimbra: Editorial Galáxia, 1965.

LOPES, Graça Videira. **A sátira os cancioneiros medievais galego-portugueses: sátira, zombaria e circunstância no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.** 2. ed. Lisboa: Estampa, 1998.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 1974.

PERRONE, Charles. **Letras e letras da MPB.** Trad. José Luiz Paulo Machado. Rio de Janeiro: Elo, 1998.

VAN WOENSEL, Maurice. **Simbolismo animal na Idade Média: Os bestiários.** João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 2001.

VIANA, Chico & WOENSEL, Maurice. **Poesia medieval ontem e hoje.** João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, Idéia, 1998.

WERNECK, Humberto. **Chico Buarque, letra e música.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

